

À CAÇA DE DEUS: APROXIMAÇÕES AO CONCEITO DE NADA EM ECKHART, HELTING E HEIDEGGER

THE HUNT OF GOD: APPROACHES TO THE CONCEPT OF NOTHING IN ECKHART, HELTING AND HEIDEGGER

Enio Paulo Giachini¹

A ignorância cativa-a [a alma] para um maravilhamento e faz com que ela saia à caça disso, pois sente bem que é, mas não sabe como e o que é².

RESUMO

A partir dos sermões alemães de Mestre Eckhart, do ensaio O que é metafísica, de Heidegger, e de alguns pensamentos de Helting sobre o conceito de Nada em Eckhart e Heidegger, este texto busca uma aproximação a dois conceitos centrais da tradição ocidental: Criatura e Nada. Colocando o foco central neste último, na medida em que o texto consegue o mínimo de esclarecimento do mesmo, surge a possibilidade de uma abordagem e apropriação de um âmbito de vida extremamente fecundo, a saber, liberdade “incondicionada”. Todavia, no âmbito da feliz abordagem do algo pode-se alcançar também liberdade condicionada. Mas é só o caça no profundo da floresta do absoluto que pode abrir ou não abrir uma nesga de esperança da liberdade da graça. Palavras-chave: Liberdade. Graça. Nada. Criatura. Absoluto.

¹ Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. E-mail: enio.giachini@gmail.com

² ECKHART, Mestre. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2, p. 197, grifo nosso.

ABSTRACT

Starting from the German sermons by Master Eckhart, from the essay *What is metaphysics*, by Heidegger, and from some thoughts by Helging on the concept of Nothing in Eckhart and Heidegger, this text wants to approach two central concepts of the Western tradition: Creature it's nothing. Placing the central focus on this last concept, insofar as the text achieves the minimum of clarification of it, the possibility arises of an approach and appropriation of an extremely fruitful scope of life, namely, "unconditioned" freedom. However, within the scope of the happy approach of the something, conditional freedom can also be achieved. But it is only the hunt deep in the forest of the absolute that can open or not open a sliver of hope for the freedom of grace.

Keywords: Freedom. Grace. Anything. Creature. Absolute.

INTRODUÇÃO

As reflexões que se seguem gravitam em torno de dois conceitos centrais do pensamento de Mestre Eckhart presentes nos sermões alemães: criatura (algo) e nada (Deus). Na passagem entre essas dimensões está a possibilidade de vislumbre de totalidade, de conjugação do uno e do múltiplo, da significação de vida e morte. O conceito do nada sempre representou um desafio para o pensamento ocidental e inclusive para a teologia, mesmo na tentativa de abordar a aproximação de Deus. Todos os mais elevados conceitos humanos se desfazem ao se aproximarem da realidade da deidade, como a cera das asas de Ícaro ao se aproximar do sol. Todavia, torna-se premente pensar que tipo de experiência se esconde nesse conceito. Como contraponto à abordagem eckhartiana, trazemos um apanhado do ensaio heideggeriano sobre o que é metafísica, em que, na abordagem do fenômeno do nada, e da angústia, ele busca acesso à transcendência do ser-aí, ou da abordagem do que é metafísica.

O pensamento que tomamos como ponto de partida supramencionado é:

Quando alcança a luz sem mistura, a alma percute para dentro do seu nada, no nada, tão distante do seu algo criado que, pela sua própria força, não pode por nada retornar ao seu algo criado. E Deus, com a sua incriabilidade, coloca-se sob o nada da alma, mantendo-a no Seu algo³.

Para isso, iniciamos trazendo algumas reflexões feitas a partir de pronunciamentos sobre o nada e a criatura presentes nos sermões alemães para, depois, abordar o pensamento de Heidegger. A questão que deve nos nortear nesse trabalho pode ser tirada da passagem do *Sermão 1*, supracitado, em que a criatura se descobre como nada e nesse nada incriado se vê sustentada no seu algo pelo próprio Deus. Se pudermos adiantar uma aproximação banal a essa problemática, diríamos, como exemplo, que o homem não consegue dar e manter a vida e o sentido a si mesmo, mas no máximo cuidar e buscar ordenar possibilidades e condicionamentos que lhe

³ ECKHART, Mestre. **Sermões alemães**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1, p. 43.

são dados (liberdade condicionada) e pela *Abgeschiedenheit* buscar acesso ao nada de si e de toda criatura como a possibilidade impossível que se ausenta para poder assegurar a presença do ente e não antes o nada. Na medida em que “tem acesso” a essa realidade e permite a irrupção – na feliz hora – desse Nada, pode irromper na Liberdade incondicionada, que a tradição costuma chamar de graça, repouso, redenção.

1 O FUNDO DO SER

Assim como o *Sermão 1*, o *Sermão 101* pode servir de referência para iniciarmos a abordagem do conceito de nada e de busca de acesso ao fundo do ser. Ali vemos a indicação velada da presença do fundamento absoluto de toda criatura, mas que na medida em que é velada, pode também se revelar, insinuar-se, apontar sua presença na sua ausência. Essa provocação do fundamento precisa ser vista e buscada, ser perseguida e caçada como um tesouro precioso, como uma presa desejadíssima, mesmo com a percepção da impossibilidade de ter sucesso. O que essa caçada, com possibilidade de fracasso, faz é a preparação do terreno, do coração humano, da limpeza do pensamento, para a possibilidade de revelação e acesso do próprio fundamento.

Assim, o *Sermão 101* vai dizer que no Fundo e no ser, Deus opera sem imagens e que na medida em que as forças da alma (irascível, concupiscível e racional) só apreendem em imagens, não podem conhecer e apreender o fundamento absoluto, pois ele é sem imagens. As forças da alma apreendem sempre e somente através de imagens. Apreendem um cavalo através de sua imagem, um homem *idem*, que são trazidas de fora. Mas o fundamento lhe é oculto.

E isso é o mais útil para ela. A ignorância cativa-a para um maravilhamento e faz com que ela saia à caça disso, pois sente bem que é, mas não sabe como e o que é. Se o homem sabe a causa das coisas, de pronto torna-se cansado dessa coisa e procura então experimentar e saber outra coisa, fustiga-se e atormenta a si mesmo sempre mais por saber e não tem paragem junto a elas. Por isso, esse conhecimento ignorante é o que a mantém nessa paragem, fazendo com que saia à sua caça⁴.

⁴ Id. Op. cit., 2008, p. 197.

Uma aproximação ao fenômeno do oculto de que fala o *sermão* aqui poderíamos experimentar ao observar os processos do surgimento e desvanecimento de vida. A vida animal, a vida vegetal etc. surgem de e retornam para dentro do oculto. A planta surge do oculto da terra e da semente e volta para lá. Se dermos rédeas soltas à sanha de apreender o oculto com as próprias mãos, muito provavelmente arrancaremos a árvore para ver de onde surge sua força e vida, sua origem e destruimos a vida, sem apreender o que é oculto. É o que vem insinuado no conto da galinha dos ovos de ouro. A sanha de tomar o controle das origens do surgimento do ouro, matando a galinha para ver donde provinha o ouro, destruiu a fonte do ouro.

Fundo do ser, em Eckhart, pode ser um desses conceitos que, na medida em que temos a disposição para compreender seu pensamento, nos obrigam a deter-nos e adentrar em contato direto, corpo a corpo, com praticamente todo seu arcabouço de pensamento. No fundo e no ser, Deus opera sem imagens. Consequentemente, todas as demais coisas de nosso dia a dia precisam ser conhecidas em imagens. Um cavalo ou um homem me é conhecido pela imagem que vem à minha alma, trazida de fora. Não só um cavalo e um homem... toda nossa orientação no mundo se dá por imagens trazidas de fora. Meu conhecimento de meu passado, meu conhecimento do passado de minha família, de minha nação, da história do mundo, dos conhecimentos que “tenho” da Escritura, as informações que tenho de um pensador-místico chamado Eckhart, de uma época da humanidade chamada Idade Média, as informações que detenho para orientar-me em minha profissão e meu entorno mais próximo e distante, tudo isso vem à minha alma intermediado por imagens e não pode não ser filtrado e refinado pela mediação imagética. Como é esse processo da mediação da imagem no nosso trato com tudo que não somos nós mesmos e mesmo com o que imaginamos sermos nós mesmos é um tema que o próprio Eckhart aborda em seus sermões, sempre de forma lapidar e provocativa. Não vamos nos aprofundar nisso aqui.

Queremos partir e abordar antes o tema do fundo e do ser que é sem imagem. Essa preocupação acadêmica e/ou espiritual, parece-nos um tanto extemporânea e antiquada, para não dizer imprópria e incômoda. Cremos que estamos diante da tarefa humana, hoje, de estabelecer uma

boa harmonização das infinitas imagens que dão certa estruturação ao nosso mundo interior e exterior, próximo e mais afastado, de tal modo que nossa vida, nosso meio ambiente, nossa atualidade e os povos tenham condições de sobreviver, viver e serem relativamente felizes. A boa política seria, nesse sentido, quase que um fator tão ou mais importante que a preocupação com o fundamento do ser. E assim outros fatores de organização social, ambiente, político, e por que não, religioso.

A leitura de Eckhart, e imagino que esse sentimento era comum também a quem ouvisse seus sermões, nos insinua sempre uma ignorância do que é fundamental, a busca de superação do óbvio e fácil. O próprio processo de avanço e crescimento no nível do cotidiano traz essa saturação do acontecer, provocando o desassossego da busca. É o que vem expresso na continuação do sermão. “Se o homem sabe a causa das coisas, de pronto torna-se cansado dessa coisa e procura então experimentar e saber outra coisa, fustiga-se e atormenta a si mesmo sempre mais por saber e não tem paragem junto a elas”⁵.

Encontramos, nesses pensamentos de Eckhart, duas direções de mirada. 1. O nosso mundo é composto de coisas que nos chegam através de imagens. Nós estamos dentro do mundo, somos parte desse mundo que nos entorna... nós próprios somos uma parte desse mesmo mundo em funcionamento e nosso próprio corpo, alma e espírito são elementos constitutivos que colaboram nesse grande organismo interativo que busca ajuste e se vê constantemente lançado em desarmonia e desajuste. Qual é nossa tarefa ali como intelectuais, filósofos, ou simplesmente como seres humanos “normais”? Colaborar intensamente para que todas essas peças da engrenagem chamada organismo universal, uni-verso, entrem em harmonia e convivência, que se suavizem as anomalias, que se busquem soluções para as dificuldades que surgem, que se procure fortalecer o que é fraco e suavizar a força do que é forte demais e assim com as demais qualificações de força e poder, de fraqueza e dependência. As “deficiências” que possivelmente surgem aqui ou ali, são o sal que tempera nossas lutas para buscar harmonizar e provocar nossa participação no universo, na busca de melhoramento.

⁵ Ibidem, p. 197.

Claro que, antes dessa preocupação e ocupação coletiva, no nosso entorno social, família, amigos, comunidade, nação, humanidade, é preciso trabalhar para buscar essa harmonização em nosso próprio interior. A presença das deficiências é sentida a toda hora e todos os dias de nossa vida em nosso próprio corpo, em nossa própria alma. A presença de um sim e um não nos instiga a buscar o alimento do não (fome), a caçar um abrigo para nos proteger das intempéries, companhia para a solidão, a trabalhar nossa alma para ter saúde psíquica etc. Para curar nossas neuroses e nossas enfermidades...

2. As deficiências que surgem também podem ser vistas como uma “falha na matrix”. O que são deficiências para Eckhart, o que acima qualificamos como dificuldades, fraquezas, necessidades etc.? “E onde há dois, aí há deficiência. Por quê? – Porque um *não* é o outro. Este ‘nã’ que cria a diferença não é outra coisa do que amargura, justamente porque aí não há paz...”⁶. Observando o andamento da vida e o funcionamento e disfunção do universo, é possível ao homem também começar a tomar ciência das deficiências e sondar pela razão do por que das mesmas. Na indicação eckhartiana supracitada, vemos descrita essa possibilidade de percepção. Não só quando ocorre efetivamente a dificuldade, o acidente..., mas na consideração atenta de todos os entes, criaturas, percebe-se uma deficiência interna não só em sua interação com os demais entes, mas em sua própria constituição. Todo ente está sujeito à transformação temporal, espacial, constitutiva. Inere a toda e qualquer criatura um “nã”, que cria diferença em relação aos demais entes-criaturas e em relação a si próprio. Uma maçã que delicia meus olhos não delicia meu gosto, quando delicia meu gosto já não delicia meus olhos. O tempo e o espaço são, talvez, os dois “entes” – fatores principais de instauração do *nã* entre as criaturas-entes. Um ente não pode ocupar dois ou mais espaços ao mesmo tempo. Um gosto não pode ocupar dois tempos, não pode se repetir como o mesmo.

O *nã* inere em todas as criaturas. Se sou professor, não posso ser pedreiro, padeiro, capelão etc., ao mesmo tempo. Dependendo dessas outras

⁶ ECKHART, Mestre. Op. cit., 2009, p. 178.

profissões para poder manter meu ser-professor. O não-ser-padeiro do ser-professor me remete e faz pendente, dependente e codependente do ser-padeiro de João que é padeiro, ao qual, por sua vez, inere o não ser-pedreiro e estar pendente, dependente e codependente de Pedro, que é pedreiro e assim por diante.

O fato de eu estudar C.S. Lewis hoje não me permite ler ao mesmo tempo e me apropriar dos maravilhosos pensamento expressos no *Pesanteur et grace* de Simone Weil e da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, o que vou ter que transferir para amanhã ou outro dia. Essa dilação, remetimento, remissibilidade parece ser o elo de continuidade das lacunas (deficiências) que se apresentam na intermediação das imagens-entes-criaturas entre si, intra si e no todo do universo.

Seria muito instrutivo pensar aqui o que chamamos de movimento (espaço-temporal). A contraposição que marca essa diferença no pensamento de Eckhart sempre volta a ocorrer na contraposição entre “movimento” e “repouso”. As coisas corpóreas estão sujeitas a movimento e não repousam. “Os mestres⁷ dizem que estar sentado significa repouso, lá onde não há tempo. O que vira e se muda não tem repouso”⁸. O espírito (alma) pode repousar no fundamento do ser. A elas existe a possibilidade de libertar-se do “não” que inere e remete infinitamente de uma criatura a outra e a outra num movimento infinito e peremptório. Por que o modo de ser do espírito, quando desperto, se caracteriza pelo repouso? Porque o espírito tem o caráter de totalidade. Não é o corpo que contém a alma, mas é a alma que contém o corpo. É o espírito que só descansa quando alcança plenitude.

Se devesse exaustivamente informar, aos que me perguntam, sobre o que o Criador visava ao ter criado todas as criaturas, eu responderia: “repouso”. Se me perguntassem, pela segunda vez, o que procura a Trindade Santa no conjunto de todas as suas obras, eu responderia: “repouso”. E se me perguntassem pela terceira vez o que procura a alma em todos os

⁷ Cf. ARISTÓTELES, *Phys.* VII t. 20 (éta c. 3 247 b 10); TOMÁS DE AQUINO, *S. Theol.* I q. 10 a. 4 ad 3, In: Quint (1968, p. 180, nota 1).

⁸ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, Sermão 35, p. 210.

seus movimentos, eu responderia: “repouso”. Se me perguntassem, pela quarta vez, o que procuram todas as criaturas em todas as suas tendências e movimentos naturais, eu responderia: “repouso”⁹.

Os *sermões alemães* repetem à exaustão a palavra “repouso”. Via de regra, essa palavra nos remete ao ato de dormir, descansar do dia exaustivo, ao pouso, pousada. Ao acordar depois de uma noite de bom sono, sentimo-nos renovados. Mas talvez essa renovação seja apenas um indício de remissão. O *não* do cansaço refeito pelo sim do pouso, dinamiza e potencia o curso do movimento de vida. Mas a que se refere Eckhart quando fala de repouso da alma e inclusive da Trindade?

Pode ser que a breve indicação que encontramos de forma muito recorrente nos *sermões alemães* do *mestre* sobre a diferença entre o modo de ser do corpo e o modo de ser do espírito nos ajudem aqui. No *Sermão 74* ele faz uma comparação, quando se enche um tonel com água. A água no tonel está unida com este, mas não é um com ele. Onde há água não há madeira e onde há madeira não há água. No *Sermão 65*, ele retoma essa diferença, assim:

Há diferença entre coisas espirituais e coisas corpóreas. Cada coisa espiritual pode morar em outra; mas nenhuma coisa corpórea pode morar em outra. É certo que a água pode estar num tonel, e o tonel a comporta; mas lá, onde há madeira, ali não há água. Assim, nenhuma coisa corpórea pode estar em outra; mas cada coisa espiritual está numa outra¹⁰.

O homem pode passar a vida sem se dar conta e sem tomar ciência dessa diferença fundamental e gastar a vida acossado pela remissibilidade constante e infinita das imagens, ocupado meramente com as criaturas e o modo de ser material, sem sequer ver os sinais que remetem ao fundamento. A ciência busca o fundamento com o nome de *Causa*. A explicação desse tipo de compreensão e postura é chamado de causalidade e, no caso do cotidiano e da ciência, de causalidade linear.

⁹ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, Sermão 60, p. 323.

¹⁰ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, p. 36.

O movimento da causalidade linear ou unilinear é muito visível. Uma coisa remete a outra, um momento remete a outro, um lugar a outro, uma situação a outra, um dia anuncia outro dia etc. Resta perguntar se haverá outro tipo de causalidade, por exemplo, causalidade circular, causalidade multilinear etc. A causalidade linear é a constatação de que onde há fumaça há fogo. A simples referência entre causa e efeito que se torna causa de outro efeito e assim por diante. A vida humana pode ser organizada nessa linearidade: nascimento, desenvolvimento, declínio e fim. A história pode ser compreendida e organizada assim. A sociedade assim, as nações podem ser constrangidas a se compreenderem e se organizarem como peças de uma grande engrenagem global. O que nós atualmente chamamos de natureza pode ganhar uma explicação plausível na remissibilidade linear. Inere à planta o não-água, o não-gás carbônico, a não-terra. Ou seja, a terra é não-água, não – Mas o *não*, não é uma mera ausência negativa, é uma ausência privativa-positiva de remissão e necessidade, de socorro e pendência. Nesse sentido, observando todas as pendências, se é que isso nos é possível, mas apenas por suposição, para que a planta seja e devesse o que é, ela está numa dependência causal multilinear. Depende da herança de todo passado de sua espécie presente na semente, de todos os climas que já houve, de todos os acidentes ocorridos, de todos os fatores diretos (terra, clima, água, calor, sol etc.) e indiretos (a mão do homem que não a corte ou arranque, o sol que cria o ambiente e o clima, e assim por diante) de modo que seria possível implicar todos os eventos da história e todos os entes possíveis e reais.

Essa remissibilidade, quando alcança sucesso relativo, permite o bom andamento, o bom funcionamento das peças da engrenagem, dos entes, das criaturas e do universo como um todo. Todo engenho humano nas ciências, nas artes, na pragmaticidade de organização e fomento da vida podem resolver satisfatoriamente a necessidade humana de implante e o medrar no todo desse organismo chamado universo. O *não* que inere a cada criatura, a cada instante do tempo, a cada ponto do espaço que o preme e coloca em movimento na direção de outro e outro... pode ser suprido, satisfatoriamente, pelo trabalho e cuidado humano próximo e mais distante, num nível superior ao que o faz a própria natureza.

Assim podemos criar preocupação universal para o cuidado com o meio ambiente global, com a pobreza, a fome, as enfermidades, o bem-estar digno etc. Trata-se de grandes “nãos” que inerem na comunidade humana e na natureza como um todo.

2 TRÊS CONCEITOS DE NADA EM ECKHART

Vamos trazer três ideias desenvolvidas por Holter Helting para nos ajudar a compreender essa ideia de fundo da presença da deficiência na criação como um todo, a partir das quais ele analisa o conceito de *nada* em Eckhart. No livro *Heidegger und Meister Eckhart. Vorbereitende Überlegungen zu ihren Gottesdenken*, Helting afirma haver em Eckhart pelo menos três significações de *nada*, a saber, nada absoluto, nada como privação e nada como origem e fim de totalidade de tudo (Nada como Deus ou a Deidade).

1. *Nada Absoluto (nihilum absolutum, gr. ouk on, nihilistische Nichts)*. Para esse primeiro significado, toma-se sobretudo o que Eckhart fala no *Sermão 4*. Nesse *Sermão*, Eckhart está falando da busca de interioridade, recompensa, utilidade etc., que são buscas humanas, demasiadamente humanas. Todavia, buscadas por si mesmas, elas são nada.

Puro nada são todas as criaturas. Não estou a dizer delas que sejam de pouco valor ou simplesmente um algo qualquer: Elas são puro *nada*. O que não tem ser é nada. As criaturas todas não têm ser, pois o seu ser depende da presença de Deus. Se Deus, apenas só por um instante, desviasse sua face das criaturas, elas seriam aniquiladas¹¹.

Para ganhar um olhar para o que se chama aqui de *nada absoluto* de toda a criação, precisamos ter presente o que se discutiu acima sobre a deficiência. Por si e em si a criatura está na pendência e dependência de outra e de outra e assim ao todo. Inera a cada criatura e à criação como um todo, um processo de aniquilamento completo. Sua constituição é perecível. Deixadas entregues a si mesmas, as criaturas não têm

¹¹ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, p. 58, *grifo do autor*.

subsistência. Não só carecem da força de originar a si mesmas, como carecem da capacidade de autossustentarem-se. Essa entrega óbvia e evidente, salda e certa de seu dar-se, tem um ponto cego para com sua possibilidade mais própria que é a questão que pode ser vislumbrada com o limite, isto é, princípio, persistência, fim.

2. *Nada Privativo* (gr. *stéresis, mé on*)¹². A criação está submetida à mudança e todas as coisas criadas carregam nos ombros a marca da mutabilidade. Em Deus mesmo, portanto, não há mudança nem modificação. “O que busca fora de si um outro lugar, esse se modifica. Deus [porém] tem em si todas as coisas em uma plenitude”¹³.

No *Sermão 5a* encontramos uma menção estranha, nesse sentido. A brasa ardente queima minha mão e me causa dor porque inere à minha mão o *não*. Ou seja, minha mão não é fogo. A deficiência que inere às criaturas todas pode ser identificada, portanto, com degeneração, perecimento, apodrecimento, degradação, desertificação, extinção, corrosão, aniquilamento (material); dor, fome, sofrimento, esforço, trabalho, tristeza, doença, solidão, pandemia, desespero... morte (psíquico). Todos os fenômenos presentes em todas as coisas, inclusive no ente humano. Minha mão não é brasa... *ergo*, ao contato com a brasa dói! O fenômeno da negatividade pode ser visto também como o agulhão que impulsiona a retomar a caçada à vida, mas a pergunta que Eckhart nos faria aqui seria... que vida? Que âmbito de vida pode ser caçado mesmo na máxima busca aqui? As criaturas têm tudo em tudo e mancham, pois, são feitas de nada.

O não que inere a toda criatura, que lhe impinge limitação é caracterizado no *Sermão 76* como *deficiência*. A deficiência provém do nada. Para a geração, não para a criação, do filho na alma, é preciso extirpar essa insuficiência, o que elimina todo lamento e sofrimento. “O homem não é pedra nem madeira, pois tudo isso é deficiência e nada. Não nos tornaremos iguais a ele enquanto esse nada não for expulso, a fim de que nos tornemos tudo em tudo, como Deus é ‘tudo em tudo’ (1Cor 15,28)”¹⁴.

¹² ARISTÓTELES, *Física I*, 1980, 9 191b325-192b.

¹³ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, p. 147, *nota minha*.

¹⁴ Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 93.

A deficiência marca e determina o modo de ser material, corpóreo. O princípio de individuação, enquanto matéria, se dá justo pela divisão. É ele que cria o dois. “E onde há dois, aí há deficiência. Por quê? – Porque um *não* é o outro. Este ‘*não*’ que cria a diferença não é outra coisa do que amargura, justamente porque aí não há paz”¹⁵.

Há um fenômeno de fundo difícil de ser visto aqui. Trata-se da indicação que foi feita acima da diferença entre modo de ser corpóreo e espiritual. O modo de ser corpóreo é sempre situado e parcial; o modo de ser do espírito é incondicionado e total. Aqui podemos tentar dar um salto para compreender o terceiro nível de compreensão do nada na provocação de Helting.

3. O fenômeno do nada como *último fundamento originário*, abissal, doador-livre quase não encontra abordagem no Ocidente. Todavia muitos pensadores, sobretudo na Idade Média e na mística, pré-tematizaram esse nada negando-se a atribuir a Deus conceitos e entificações, mas nem por isso deixaram de empreender uma busca atroz na tentativa de “compreendê-lo”, caçá-lo, experimentá-lo. Deus é nada, significava então que ele não é nenhum ente, não é o ente supremo nem a soma de todos os entes. Deus tampouco é idêntico com o ser dos entes. Essa teologia negativa é “positiva” no sentido de auxiliar a determinar o que Deus não é, evitando mal-entendidos¹⁶.

Porque em Eckhart Deus é experimentado e pensado como o ser-que-se-comunica (*gewährende* – proporcionador) e esse “doar” mostra ser tão radical que nada reivindica para si ali (nem sequer “ser”), Eckhart não irá chamar a Deus de “ser” nem de “ente”, mas o indica como “nada” que como ser doado livremente, vige como aquele que se retrai do ser, como livre doador do fundamento originário (*Urgrund*) (sem chamar a atenção do doar-livre como propriamente doação-livre e aparece assim como “nada”).

O espelho onde se reflete Deus como nada absoluto, pode ser exemplificado como dom, doação, presente, regalo. Ao dar um presente, não posso determinar o que a pessoa que o recebe irá fazer com ele. Preciso retrair-me e desligar-me completamente desse doar. Isso se aplica, segundo Helting, à relação criador e criatura.

¹⁵ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, p. 178.

¹⁶ Cf. Holger HELTING, *Heidegger und Meister Eckhart*.

A esse processo de doação e retraimento, Helting chama também de serviço ou auxílio. No evangelho temos a expressão: que a mão direita não saiba o que faz a mão esquerda¹⁷. A expressão usada no texto é *Entzug* (retraimento). Que fenômeno é esse de retraimento ou discrição na doação? Ele traz como espelho o serviço do céu e da terra, do sol e da água. A terra disponibiliza os elementos necessários à vida e se retrai para dentro de sua “escuridão”. A terra mesma não tem sabor, odor, “vida” etc., mas dela provém toda a variedade de cores, sabores, vida abundante. Rilke, afirma, *Frag die Erde, sie wird dir antworten was Farbe ist* (Pergunte à terra e ela te dirá o que significa cor). Quando passamos pelas estradas de Minas no final de agosto ou começo de setembro, ficamos admirados com a exuberância dos ipês floridos e nós podemos perguntar e sair à caça da fonte dessa incandescência de cores. Se eu cavar as raízes do ipê ou o tronco do mesmo ou o que for, não vou encontrar a fonte de sua exuberância de cores. A terra doa a beleza e se recolhe, se retrai para seu recato e obscuridade, para seu nada. A essência do serviço, da prestação, é o dom com a imediata desvinculação de qualquer direito de reivindicar sobre o mesmo. Assim é o préstimo do sol, da água, da natureza. Na natureza como um todo, vamos encontrar um indício, uma pegada do nada que é serviço e préstimo, entrega e recolhimento.

Prosseguindo nessa via, vamos nos defrontar com um modo mais extremo de auxílio e préstimo: o ser.

Die Pflanze, das Tier, der Mensch ist. Die Erde ist. Der Himmel ist. Alle sind auf verschiedenste Weise natürlich), das “ist” jedoch ist nicht. Das Sein ist die Weise, in der alle diese verschiedenen “Dinge” anwesen und “Bestand” haben. Weder der Mensch noch die Erde noch der Himmel muss (oder kann) irgendetwas tun, um zu sein, um nicht nichts zu sein. Das Sein ist ihnen allen “gegeben”. Doch verbirgt sich dieses Geben im Sein so geschickt, dass es vollkommen selbstverständlich scheint, dass überhaupt etwas ist und nicht nichts¹⁸.

¹⁷ Mt 6,3.

¹⁸ Holger HELTING, *Heidegger und Meister Eckhart*, p. 21.

Que tudo seja, que a terra é, a planta é, o homem é, nos parece a coisa mais óbvia e evidente. Como, porém, ganhar olho para esse fundo escuro do ser que doa todos os *és* e se retrai para a escuridão do nada? Por que há o ente e não antes o nada, perguntava Leibniz. Essa experiência foi expressa por Heráclito dizendo que a natureza ama esconder-se (*kruptestai*). O retrair-se deve ser compreendido como um doar-come-próprio, não como um re-tirar. O mais puro doar é igualmente o mais puro retrair-se, que nada retém para si, mas doa tudo, que vige apenas como dar.

Essa indicação do nada como o fenômeno positivo pode nos dar um direcionamento para a leitura de Eckhart a buscar aquilo que se retrai de nosso olhar óbvio do cotidiano. Todavia, é necessário um despertar para esse nada, para o teor “positivo” desse fenômeno. Fenômeno positivo, quer dizer, que põe, mas ao pôr se retrai, se esconde e esconde o seu próprio esconder-se, de modo que se torna quase impossível encontrá-lo. É preciso desenvolver um auscultar de toda a realidade para sua própria possibilidade de vir a ser para desconfiar dessa dimensão de proveniência e destino do todo da criação. Essa desconfiança se apresenta como ignorância.

A ignorância cativa a alma para um maravilhamento e faz com que ela saia à caça disso, pois sente bem que é, mas não sabe como e o que é [...] e procura então experimentar e saber outra coisa, fustiga-se e atormenta a si mesmo sempre mais por saber e não tem paragem junto a elas. Por isso, esse conhecimento ignorante é o que a mantém nessa paragem, fazendo com que saia à sua caça¹⁹.

Mas por que via de regra, nas ocupações e preocupações do dia a dia não percebemos, não sentimos necessidade dessa busca de fundo? No *Sermão 59*, Eckhart faz uma brincadeira com um exemplo banal. É o caso do cachorro e da lebre.

Quero contar-vos uma estória: Alguém perguntou a um bom homem por que encontrava às vezes tanto prazer na piedade e na oração e outras vezes não. O

¹⁹ Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 197.

bom homem, então, lhe respondeu: O cachorro que vê a lebre, a fareja, e descobre suas pegadas, a persegue, correndo-lhe atrás. Os outros, porém, ao verem aquele cachorro correr, correm também. Só que logo se aborrecem e desistem. Assim também é com um homem que avistou a Deus e sentiu seu sabor. Ele não desiste de correr todo o tempo [atrás dele]²⁰.

A caça de Deus só se dá quando se presente o cheiro, o gosto, a experiência do mesmo. Trata-se de uma experiência que vai à raiz de todas as experiências, que não pode ser terceirizada. É uma experiência que tem de ser feita sempre e cada vez em primeira pessoa do singular. Não posso transferir a tarefa a outro daquilo de que pende e depende minha razão de ser. O cão que vê o outro correndo também pode ser instigado à caça da lebre. Mas se ele próprio não sentir o cheiro ou ver a lebre, logo para de buscar. O cheiro depende do faro. A caça depende do cheiro ou da visão. O empenho ali tem de ser total. Pois a busca é total. É busca do espírito e o espírito tem o modo de ser da totalidade. “Vede, é necessário e deve-se persegui-la porque está escondida. Brilhava e estava escondida. Isso visa a que nos aflijamos e nos atormentemos atrás dela”²¹.

3 O MODO DE SER DO ESPÍRITO

Apontou-se brevemente acima que a caça do Nada de Deus por parte do homem é próprio do espírito e que a ocupação e preocupação dos empenhos e desempenhos humanos podem ter essas duas direções no confronto com o não, a negação e o Nada, qual seja, o corpóreo e o espiritual.

As coisas corpóreas são distintas das coisas espirituais. Cada coisa espiritual pode morar em outra. Nenhuma coisa corpórea pode morar noutra. No jogo de latas da cozinha uma pode ser colocada dentro da outra até certo ponto, até onde o espaço vazio permite acrescentar outra lata cada vez menor. Mas, mesmo assim, uma lata não está na outra, mas no espaço vazio que *não* é lata. Nós não podemos estar em dois lugares

²⁰ Mestre ECKHART. Op. cit., 2009, p. 321, *nota minha*.

²¹ Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 195.

ao mesmo tempo. Nós não podemos estar em dois tempos distintos. Mas o espírito pode morar na diversidade e ocupar a diversidade. Um arcanjo pode estar no outro e partilhar sua alegria. Cada membro de uma comunidade espiritual se alegra com a alegria do outro. Cada célula do nosso corpo é perpassada pelo mesmo espírito. Quando ando, meu pé enxerga pelo olho e meu olho anda através do pé. O espírito tende e tem sede, busca e anela sempre e somente por totalidade. Ele não descansa até tomar a totalidade de tudo. Seu modo de ser não é parcial. Mas apesar dessa busca de totalidade ele se faz diferença em cada diferença. No sol, o mundo é sol, na lua, o mundo é lua, dizia o Cusano.

A alma humana tem no seu fundo essa sede de plenitude, que é busca de inteireza de tudo, busca de apreensão de todas as coisas e busca de apreensão de todos os tempos, ou seja, de eternidade, de imortalidade.

Tudo que Deus um dia já criou e poderia ter criado, se ele desse à minha alma de uma vez tudo isso com Deus ele mesmo, e se nessa doação restasse fora algo do tamanho de um fio de cabelo, a minha alma ficaria insatisfeita; eu não seria feliz. Mas se sou feliz, todas as coisas são em mim, com Deus²².

4 A ABORDAGEM HEIDEGGERIANA DO NADA

A título de contraponto, expomos algumas ideias centrais da abordagem que faz Heidegger no artigo *O que é metafísica?* Para discutir o problema da metafísica propriamente dita, Heidegger questiona a respeito de um fenômeno concreto onde essa pode se mostrar, que é a questão do nada.

Na elaboração da questão, Heidegger afirma que “o nada é a negação da totalidade do ente, o puro e simplesmente não-ente”²³. De modo semelhante com as três abordagens eckhartianas supramencionadas, ele apresenta também três conceitos semelhantes que são a negação, o

²² Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 37.

²³ Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 118.

não e o nada. Questiona: “Há o nada apenas por que há o ‘não’, isto é, a negação? Ou será que não acontece o contrário? Existe a negação e o ‘não’ apenas porque ‘há’ o nada?”²⁴. Mas de cara se mostra que o nada é mais originário que o “não” e que a negação.

Onde podemos encontrar o nada? O nada se apresenta de imediato como a plena negação da totalidade do ente. Mas, pergunta-se, é possível ao ser-aí, ao “homem” ter acesso à totalidade do ente? Como tornar acessível o todo do ente em sua omnitude? A direção indicada por Heidegger é que não será pela via lógica que se pode aceder a ele, mas por uma experiência fundamental. Apesar de não podermos apreender a totalidade do ente, encontramos-nos postados no seio do ente. Na experiência da angústia, por excelência, o ser-aí pode ter a experiência do nada. O fenômeno da angústia remete o ser-aí para uma totalidade, uma espécie de indiferença e estranhamento frente ao todo do ente. Diversamente do fenômeno do medo, que tem objeto definido, a angústia não se angustia perante algo (*Wovor*) ou pelo que (*Worum*).

A angústia não deixa mais surgir uma tal confusão. Muito antes, perpassa-a uma estranha tranquilidade. Sem dúvida, a angústia é sempre angústia diante de [...], mas não angústia diante disto ou daquilo. A angústia diante de [...] é sempre angústia por [...], mas não por isto ou aquilo²⁵.

Na angústia se dá um retroceder diante de... o ente na sua totalidade. Na angústia, o ser-aí é assediado pelo nada ao modo da remissão que rejeita a totalidade, uma remissão que se evade na totalidade. O nada que se manifesta aí não é uma destruição do ente na sua totalidade (criaturas como nada absoluto em Eckhart), nem uma negação (nada privativo em Eckhart). A clareza dessa disposição da angústia, que Heidegger chama de “clara noite do nada da angústia” proporciona a abertura originária do ente como tal. Ali vemos o presentear-se do ente singular e do ente

²⁴ HEIDEGGER, Martin. O que é Metafísica. In: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 119.

²⁵ Ibid., p. 121.

na sua totalidade e a experiência do nada nos mostra o “letar-se”, o retraimento do ser. O último, Heidegger assinala esse conceito marcando um X sobre a palavra Ser.

Qual a tarefa que a angústia abre ao prover a experiência do nada ao ser-aí? Primeiramente a percepção de sua transcendência. “Retendo-se no nada, o ser-aí já está sempre para além do ente na totalidade. Esse estar para além do ente, nós designamos de transcendência”²⁶. Heidegger afirma que o ser-si-mesmo e a liberdade só são possíveis a partir da manifestação originária do nada. A que está ele se referindo? Originariamente ser-livre ou liberdade tem a ver com a percepção da pertença do ser-aí à transcendência. A decisão do livre-arbítrio, a capacidade de auto-orientação e autoestruturação de vida só é possível porque foi propiciada pelo nada. Dito de outra forma, todos os condicionamentos a que se vê submetido o ser-aí não são suficientes para determinar seu destino. Há um projetar-se para além e para aquém desses condicionamentos que nasce dessa percepção de transcendência e pertença ao nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Eckhart, vamos encontrar uma semelhança na abordagem do conceito de vontade e filiação divina. O nascimento do Filho na alma só se dá pela decisão do homem de desprendimento de tudo (*Abgeschiedenheit*). Mas essa decisão, por si, ainda não assegura ao homem alcançar a filiação divina. Em Eckhart há uma distinção nítida entre criação e geração. Deus criou tudo do nada. Mas é pela decisão e vontade de superar todas as coisas, espaço e tempo, criaturas todas que o homem se dispõe à transcendência e pode ser adotado como Filho de Deus, pode dar-se o nascimento do Filho na alma.

No nosso cotidiano a experiência do nada não se manifesta. São raras as vezes onde isso ocorre. Raro é o fenômeno da angústia como retraimento do sentido e indiferenciação da totalidade do ente. É que, por exemplo, a angústia do audacioso está aquém da contraposição da

²⁶ Ibid., p. 125.

alegria e da agradável diversão do tranquilo abandonar-se à deriva. “Ela se situa – aquém de tais oposições – em uma secreta aliança com a serenidade e com a doçura do anelo criador”²⁷. É como se por nós mesmos não fôssemos capazes de colocar-nos diante do nada.

Vemos isso entre muitos outros lugares no *Sermão II*:

A alma que quer ser filha de Deus deve gerar nada em si. E naquela em que o Filho de Deus deve nascer, não deve ser gerado nenhum outro. O maior anseio de Deus é: gerar. Nada lhe satisfaz, a não ser que gere seu Filho em nós. Também a alma de modo algum se satisfaz se o Filho de Deus nela não nascer. E então brota mesmo a graça, a graça é mesmo derramada. A graça não *opera*; o seu *devir* (*tornar-se*) é sua obra²⁸.

Nos parece semelhante ao que afirma Heidegger: “O estar retido do ser-aí no nada com base na angústia velada é o ultrapassamento do ente na totalidade: a transcendência”²⁹.

O maior de todos os dons é que nós sejamos filhos de Deus, e que ele gere em nós seu Filho (1Jo 3,1). É próprio da criatura fazer algo de *algo*, mas é próprio de Deus fazer algo do *nada*. Por isso, se Deus deve fazer alguma coisa em ti e contigo, deves antes ter te tornado nada. Vai assim até o teu próprio fundo e lá opera. As obras, porém, que lá operas, são elas todas vivas³⁰.

É como se pudéssemos dizer, com o perigo de deturpar o pensamento do *mestre*, que no homem há dois graus de liberdade. O homem, enquanto criatura, faz algo de algo. Dentro de todos os condicionamentos a que estou imerso, físicos, psíquicos, de herança, situacionais etc., posso e devo buscar o melhor arranjo possível para o bom andamento de um encaminhamento que vou encontrando no próprio seio da realidade

²⁷ Ibid., p. 128.

²⁸ MESTRE ECKHART. Op. cit., 2009, p. 97, grifo e nota do autor.

²⁹ MARTIN HEIDEGGER, Op. cit., p. 129.

³⁰ MESTRE ECKHART. Op. cit., 2009, p. 231.

em que me encontro. A melhor gratidão para com o dom é fazer o dom frutificar, dizia o *mestre*. E talvez seja esse o grau a que mais gastamos nossos cartuxos diários e porque não de vida como um todo. Dar um bom ordenamento e organização, um encaminhamento de sentido a totalidade do ente.

Mas no trecho citado de Eckhart e no texto de Heidegger, se anuncia uma pertença ao transcendente. Em Heidegger, pela manifestação do nada no ser-aí, em Eckhart pela geração do Filho no fundo da alma. O desprendimento e a angústia não são, então, fenômenos puramente negativos, mas uma clarificação de fundo da origem de todas as criaturas, do ente na sua totalidade, como um abismo que se retrai (*Entzug*), uma doação que esconde sua doação, esconde a si e esconde também seu esconder. De tal modo que deixa a liberdade de grau menor à toda a realidade para que siga o curso de seu desenvolvimento e amadurecimento. Trata-se de uma doação, cujo doar e doação são retraídos e esconde-se inclusive o próprio ato de retrair. Então, na medida em que a graça e o pensamento se percebem desse abismo do nada, a importância e o peso dessa experiência ganha tal gravidade que obscurece o peso e a importância das criaturas e do ente no seu todo.

Percebo algo em mim, que brilha anterior ao meu intelecto. Sinto muito bem que é algo. Mas não posso compreender o que é. Pois parece-me apenas que, se pudesse apreendê-lo, conheceria toda a verdade". Então o outro mestre disse: "Pois então persiga-o! Pois se puderes apreendê-lo, terás o resumo de todos os bens e eterna vida³¹.

Em seguida no mesmo *Sermão 101*, Eckhart cita Agostinho, *Confissões*. Onde esse último afirma que percebe um algo que se projeta e brilha anterior à sua alma. Algo que se esconde e ao mesmo tempo se mostra. Algo que vem de modo furtivo, que parece querer tomar e roubar todas as coisas da alma.

³¹ Mestre ECKHART. Op. cit., 2008, p. 198.

Esse rapto, esse arrebatamento anterior à alma, furtivo e sub-reptício é que provoca a alma a buscá-lo com todas as suas forças, a persegui-lo e a caçá-lo. Depende da liberdade, da liberdade abissal de fundo, da liberdade de deixar-se tocar e conduzir por esse Nada abissal anterior e posterior a toda criatura e à totalidade do ente. Mas nem toda hora, e nem todo homem e nem sempre ele se mostra. Rara é a hora, rara e preciosa hora. O cão que sentiu o cheiro da lebre e vislumbrou a sua silhueta irá persegui-lo e caçá-lo até encontrá-lo. A experiência do pensamento e a experiência mística têm em comum essa caçada, essa perseguição do Nada, como o abismo que se retrai, retrai seu retrair-se, possibilitando o jogo do mundo e a realidade da vida.

REFERÊNCIAS

- ECKHART, Mestre. **Sermões alemães**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.
- ECKHART, Mestre. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2.
- HEIDEGGER, Martin. O que é metafísica. In: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 113-133.
- HELTING, Holger. **Heidegger und Meister Eckhart**: Vorbereitende Überlegungen zu ihrem Gottesdenken. Berlim: Duncker & Humblot, 1997.
- SANCTI AUGUSTINI CONFSSIONUM LIBRI. **Confessiones**. Turnholt: Tipography Brepols Editores Pontificii, 1981.
- WELTE, Bernhard. **Das Licht des Nichtes**. Düsseldorf: Patmos Verlag, 1985.
- WELTE, Bernhard. **Meister Eckhart**: Gedanken zu seinen Gedanken. Freiburg: Verlag Herder, 1992.
- WELTE, Bernhard. Über die verschiedenen Bedeutungen des Nichts. In: **Zwischen Zeit und Ewigkeit**. Freiburg: Herder, 1982. p. 111 ss.